

MANOEL  
DE BARROS  
**O GUARDADOR  
DE ÁGUAS**

ALFAGUARA



# ALFAGUARA



Copyright © 1989, 2017 by herdeiros de Manoel de Barros

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Organização das fotos e documentos*  
Martha Barros

*Curadoria*  
Italo Moriconi

*Auxiliar de pesquisa*  
Tania Freire

*Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica*  
Regina Ferraz

*Imagem de capa*  
Martha Barros, *Passeio no azul*, 2015, acrílico sobre tela, 34 x 27 cm  
reprodução de Jaime Acioli / Coleção particular

*Créditos das imagens*  
Todas as fotos e documentos reproduzidos no livro pertencem ao acervo pessoal do autor, exceto a imagem da p. 94, gentilmente cedida por Douglas Diegues.

*Textos de contracapa e orelha*  
Italo Moriconi

*Revisão*  
Fernando Nuno  
Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Barros, Manoel de, 1916-2014  
O guardador de águas / Manoel de Barros. – 1ª ed. – Rio de Janeiro : Alfaguara, 2017.

Bibliografia  
ISBN 978-85-5652-045-6

1. Poesia brasileira I. Título.

17-04199

CDD-869.1

Índice para catálogo sistemático:  
1. Poesia : Literatura brasileira 869.1

[2017]  
Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ S.A.  
Praça Floriano, 19 — Sala 3001  
20031-050 Rio de Janeiro RJ  
Telefone: (21) 3993-7510  
www.companhiadasletras.com  
www.blogdacompanhia.com.br  
facebook.com/alfaguara.br  
twitter.com/alfaguara\_br

Um encontro (para se guardar) com Manoel <i>João Anzanello Carrascoza</i>	7
--	---

<b>O GUARDADOR DE ÁGUAS</b>	<b>11</b>
-----------------------------	-----------

O guardador de águas	13
Passos para a transfiguração	33
Seis ou treze coisas que eu aprendi sozinho	41
Retrato quase apagado em que se pode ver perfeitamente nada	59
Beija-flor de rodas vermelhas	71
 Cronologia	 77
Fotografias e documentos	85
Relação de obras	95
Bibliografia sobre Manoel de Barros	97
Índice de títulos e primeiros versos	109

## Um encontro (para se guardar) com Manoel

Eu disse: vim aqui só para falar de coisas miúdas, as grandezas do ínfimo, não se inquiete. Manoel sorriu: tenho doutorado em formigas, sente-se. Sentei. Duas cadeiras na varanda de sua fazenda no Pantanal. A distância infinita entre dois homens — e, para anulá-la, inesperadamente, uma ema cruzou, distraída, os nossos olhos. As garças e os tuiuiús só andariam pela sua obra, em bando, um pouco mais à frente. Difícil conversar sobre algo tão natural como a água e as suas criaturas com um poeta que fixou sua vida em terras alagadas. Como começar? Pela seca sinceridade: digo logo que apreciei o livro, estarei sendo fiel à verdade. Então, falei: bonito, bonito esse seu *O guardador de águas*, Manoel. E acrescentei: é um livro-riacho, e você aqui nesse aguçal... Manoel concordou, desimportante: é que só choveu na palavra onde eu estava. Nas páginas iniciais, você apresenta o Bernardo da Mata; gostei de ele encurtar as águas, eu disse. Manoel: e de encolher o horizonte em olho de inseto? Também, respondi, e de quando ele prende o silêncio com fivela! Manoel atento ao azul arriscado a pássaro. E aqueles vidrinhos de guardar moscas?, perguntei. O poeta respondeu: trechos do Bernardo, nadifúndios dele. E seus, Manoel, eu pensei, mas não disse nada. Os passarinhos vinham pousar, sanfranciscamente, nos ombros de Bernardo: ele enriquecia a natureza com a sua incompletude. Ainda não possuía, em seus instrumentos de trabalho, um abridor de amanhecer. Mas era só o tempo de o mundo pegar lodo — e aí o ontem choveria no futuro. Retomei a conversa, curioso:

e esse Dialeto-Rã, do Bernardo? Manoel respondeu: é só linguagem escorregadia. Insisti: eu também me interesso pelas consoantes líquidas. Ele, quieto, só me mirava. Será que ele me árvore? Lembrei-me de um verso do livro, marcador nítido de sua poética: “O que desabre o ser é ver e ver-se”. Guardei para mim. Falei, apenas: Manoel, a primeira parte me lembrou *O guardador de rebanhos*, do Caeiro. Não só no título, mas na metafísica que ele não tem, como fechar o rio com trinco. Manoel aquiesceu: “O nada o aperfeiçoa”! E eu: não vale usar verso seu para escapar. Ele riu. A segunda parte, “Passos para a transfiguração”, você inseriu desenhos entre os poemas, foi a primeira vez, não é, Manoel? Ele não confirmou, nem desmentiu. Pensei em citar um dos versos das páginas seguintes: “Poesia é a ocupação da Imagem pelo Ser”. Pensei em mudar o rumo da conversa, perguntar sobre as borboletas, por que afinal adotam os lugares vazios? Mas resolvi saltar para as teorias de árvore. Quem te ensinou sobre elas, Manoel? Aprendi sozinho, ele respondeu, na prática das águas. Comentei: a quarta teoria é a minha preferida — “há nas árvores avulsas uma assimilação maior de horizontes”. O poeta fez um gesto de galho. Manoel, perguntei, a chuva é íntima só mesmo se o escuro umedece nosso corpo? Ele permaneceu num silêncio de águas paradas, fazendo jus a seus versos da penúltima parte: “Ao poeta faz bem/ Desexplicar —/ Tanto quanto escurecer acende os vaga-lumes”. Manoel, continuei, o dialeto coisal, larval, pedral, você descobriu quando leu Ovídio, não é? O poeta contemplava o céu, onde ocorria um incêndio de garças nas nuvens. Eu também desejava fugir daquela conversa,

queria conhecer ali, no seu tratal, a matéria líquida da vida — e de sua escrita. A poesia, ele diria mais tarde, é um inutensílio. Um beija-flor de rodas vermelhas voejou perto de nós e fechou o assunto, livrando-me de prosseguir ali, monumentando a sua obra. Educado, Manoel se levantou e propôs: vamos dar um giro, enfiar idioma nos mosquitos? Aceitei o convite e estendo-o a você, leitor: venha! Guarde-se nessa poesia, de águas e barros, ela engrandece as miudezas da vida.

*João Anzanello Carrascoza*

# O GUARDADOR DE ÁGUAS

## O GUARDADOR DE ÁGUAS

# I

O aparelho de ser inútil estava jogado no chão, quase  
coberto de limos —

Entram coaxos por ele dentro.

Crescem jacintos sobre palavras.

(O rio funciona atrás de um jacinto.)

Correm águas agradecidas sobre latas...

O som do novilúnio sobre as latas será plano.

E o cheiro azul do escaravelho, tátil.

De pulo em pulo um ente abeira as pedras.

Tem um cago de ave no chapéu.

Seria um idiota de estrada?

Urubus se ajoelham pra ele.

Luar tem gula de seus trapos.

## II

Esse é Bernardo. Bernardo da Mata. Apresento.  
Ele faz encurtamento de águas.  
Apanha um pouco de rio com as mãos e espreme nos vidros  
Até que as águas se ajoelhem  
Do tamanho de uma lagarta nos vidros.  
No falar com as águas rãs o exercitam.  
Tentou encolher o horizonte  
No olho de um inseto — e obteve!  
Prende o silêncio com fivela.  
Até os caranguejos querem ele para chão.  
Viu as formigas carreando na estrada duas pernas de ocaso  
para dentro de um oco... E deixou.  
Essas formigas pensavam em seu olho.  
É homem percorrido de existências.  
Estão favoráveis a ele os camaleões.  
Espreado na tarde —  
Como a foz de um rio — Bernardo se inventa...  
Lugarejos cobertos de limo o imitam.  
Passarinhos aveludam seus cantos quando o veem.

### III

#### *Nascimento da palavra:*

Teve a semente que atravessar panos podres, criames  
de insetos, couros, gravetos, pedras, ossarais de peixes,  
cacos de vidro etc. — antes de irromper.

Agora está aberto no meio do monturo um grelo pálido.

Não sabemos até onde os podres o ajudaram nessa  
obstinação de ver o sol.

Ó absconsos ardores!

É atro o canto com reentrâncias que sai das escórias  
de um ser.

Os nascidos de trapo têm mil encolhas...

*P.S.* No achamento do chão também foram descobertas as  
origens do voo.

#### IV

O que ele era, esse cara

Tinha vindo de coisas que ele juntava nos bolsos —  
por forma que pentes, formigas de barranco, vidrinhos  
de guardar moscas, selos, freios enferrujados etc.

Coisas

Que ele apanhava nas ruínas e nos montes de borra de  
mate (nos montes de borra de mate crescem abobreiras  
debaixo das abobreiras sapatos e pregos engordam...)

De forma que recolhia coisas de nada, nadeiras, falas  
de tontos, libélulas — coisas

Que o ensinavam a ser interior, como silêncio nos  
retratos.

Até que de noite pôs uma pedra na cabeça e foi embora.

Estrelas passavam leite nas pedras que carregava.

Vagou transpedregoso anos.

Se soube que atravessou Paris de urina presa.

Estudou anacoreto.

Afez-se com as estradas e o cheiro de ouro dos  
escaravelhos.

Um dia chegou em casa árvore.

Deitou-se na raiz do muro, do mesmo jeito que um rio  
fizesse para estar encostado em alguma pedra.

Boca não abriu mais?

Arbora em paredes podres.

## V

Eles enverdam jia nas auroras.  
São viventes de ermo. Sujeitos  
Que magnificam moscas — e que oram  
Devante uma procissão de formigas...  
São vezeiros de brenhas e gravanhas.  
São donos de nadifúndios.  
(Nadifúndio é lugar em que nada  
Lugar em que osso de ovo  
E em que latas com vermes emprenhados na boca.  
Porém.  
O nada destes nadifúndios não alude ao infinito menor  
de *ninguém*.  
Nem ao *Néant* de Sartre.  
E nem mesmo ao que dizem os dicionários: *coisa que*  
*não existe*.  
O nada destes nadifúndios existe e se escreve com letra  
minúscula.)  
Se trata de um tratal.  
Aqui pardais descascam larvas.  
Vê-se um relógio com o tempo enferrujado dentro.  
E uma concha com olho de osso que chora.  
Aqui, o luar desova...  
Insetos umedecem couros  
E sapos batem palmas compridas...  
Aqui, as palavras se esgarçam de lodo.

## VI

Chega de escombros centopeia antúria.

Estrepe enterrada no corpo a lacraia

Se engrola

Rabeja rebola

Suja-se na areia

Floresce como louca...

Gerânios recolhem seus anelos.

Está longe o horizonte para ela!

## VII

Roupa-Grande aparece no trecho.

(Crianças não o diferenciam do ave joão-grande.)

Com seu enorme casaco ele encarde o crepúsculo.

Sabe os atalhos do chão.

Caminha espaceado, de metro em metro, como quem planta mandioca na roça.

(Quem anda curto é carancho — ele diz; mas também excreta curto.

Pato que guspe longínquo...)

Roupa-Grande alcandora mosca.

Com as mãos endireita Deus para ele.

O rio conta com os seus cuidados para descer as grotas  
— conta

Com as suas bênçãos, com os seus escapulários...

Ele mexe com planta e com épocas.

Usa o Livro de São Cipriano contra lascívia, mal de grotas, ferroadas de arraia etc.

(Ferroadas de arraia é só encostar o lugar ofendido em vaso de moça que o ferrão escurece...)

Um menino escaleno o acompanha.

Dorme no ombro dele um tordo arino.

Roupa-Grande fala de manso — como quem vai passando por dentro de uma nuvem...

Sangue de anta bebe por mês: serve na guampa o cor-de-rosa espumoso — a língua tomando espécie...

Conta que sangue de anta desempena traste de velho.

Tresconta. Ri sobre as gengivas.

É homem proposto ao escárnio.

Arremeda que vai esperar o crepúsculo mais adiante

E se equipa.

Uma árvore espera filhos dele.

Espessura de estrela o transparenta.